

MEUS EUS
MEUS AIS

Livro 35

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



LUAS INOPORTUNAS

Luas inoportunas estas que aparecem sem aviso a tirar a paz da minha paz. Por pecados de juventude sigo jovem, renovando sonhos e querendo mais. Empino-me como altivo alcançando um metro a mais; jogo um pouco mais a esperança à frente. Desabituaado às quietudes, tudo imaginei guardá-las em um lugar manso, próprio aos tempos tardios. Entretanto ali encontro hoje um tufão que provoca vertigens e torna pública minha ambição de seguir sonhando.

É tudo culpa da vida, que não desiste de se fazer presente, provocando desafios recuperados como ilha aberta, como dicionário pronto à consulta.

Pudesse ser possível, eternizaria minhas convicções, implicando-as em um compromisso de manter a esperança em tempos de decepção. Expandiria todas as propostas até que a pluralidade circundasse todas as minhas vivências. Quero induzir-me ao risco máximo de contagiar a todos, e, como poeta de ocasião, homologar as falas, desalojando tudo que cause tédio, aborrecimento e repugnância. Tornar-me plácido com efeito.

Quando farto da solidão, quero cobrar ânimo para

dar posse à resignação tornada virtude. Armazenar reservas capazes de sustentar alguma velhice. Erguer os créditos para imaginar-me preparado para vivê-la. Preparar-me para entrar em função. Dispor da ordem, reter nas mãos um padrão cheio de força, de insistências bem sucedidas, sem tragédias. Adotar maneiras de alegar razões aceitáveis, arrastar-me com ímpeto, sem deixar-me levar pela ira. Sofrer até não poder mais ouvir minhas próprias queixas. Computar as súplicas não ouvidas, os conflitos não resolvidos. Removido da intenção de embelezar, de tornar harmonioso, partir para algum lugar ignorado, pondo em risco a honorabilidade só por artifício ou por medo de sustentar a verdade. Ser capaz das últimas mágoas antes de morrer, dirigi-las àquilo por mim renunciado, e, antes de tomar posse do meu fim, assenhorear-me de mais um vulto que ocupará o lugar do meu corpo sem luz e sem expressão depois que a lua se negar a iluminá-lo.

Não me ocupo da dureza nem da impiedade do falso que toma meu tempo para contagiar-me de pequenezes. Seletivo, dou descanso à memória. Ensurdeço, finjo não ouvir o grito das vítimas, das intrigas com denúncias falsas. Faço uma autópsia de cada gesto, examino

as sensações. Agora que me acho descoberto e sem defesa, confesso que me habituei a uma natureza que assisti a verter como as águas de um rio. Exposto a pesados tributos, subsidiado pela cega confiança, não notei a indignação dos que me cercavam. Aperfeiçoei-me aos caprichos de quem despreza e neguei a ventura e a desventura da vida. Alego como prova haver-me deixado banalizar nos maus hábitos.



CANTA CORAÇÃO

Canta, coração, uma canção sem tormentos, sem dores, com um começo cheio de venturas e lembranças. Esqueça as mágoas para refazer o milagre da inovação e da renovação misturadas, passando a limpo as desesperanças e as baixezas que acompanharam algumas despedidas. Evoca algum anjo menos atormentado para renovar as esperanças, para fazer menores as dores, os fins e os descaminhos. Qual tom deverá ter a flor que atraia e não traia? Qual

dom deverá ter a música que te faça parar o tormento e dê o tom ao ouvido? Quem será a pauta que te faça compositor? Que tolerância e desconcerto farão o concerto?

Canta, coração, para que meus inimigos saibam o que foi feito das informações esterilizantes que me ofereceram.



POR QUE TANTO TEMOR?

Como esta dor não cicatriza, expõe toda a fragilidade que me desatina, entra silenciosa, quieta como a noite. Chega, se faz presente, reveste o corpo com feridas permanentes. Não avisa quando chega. Tento evitar o sofrimento antecipado. Esta dor me trata, iluminando e desafiando a intromissão da novidade que insiste em apresentar-se atemporal, dando sinais da finitude. Esta dor, ora óssea, ora muscular, gengival, intestinal, abdominalmente vesical, lacrimal, apresenta-se aos gritos ou como a mudez que depura as palavras. Nega-

se a aceitar-me vitalício, portanto fica decretado a partir de agora que a previsibilidade será defendida permanentemente pelo tempo de cada existência pondo avisos efêmeros por onde passe.

Provocativamente, a dor atira na cara que somos, ao invés de titulares, reservas temporais. Os fermentos que fazem crescer a soberba também põem travas nos excessos, nos orgulhos desmedidos, avisando-nos da cova comum. Não bastará para qualquer horta que se ofereça módico canteiro para ali germinar.



AS CURVATURAS DO TEMPO

Sigo semelhante a um velho cedro que dá sombra, simbolizando proteção. Por efeito da própria dor, curvo-me ante o próprio arrependimento, ainda que não esteja arrependido. Meu organismo perde cálcio, hígidez, curva-se ante os anos, sem pressa rumo ao fim, eterno solitário e inevitável caminho, em passos fúnebres, caluniando a vida que me abandona todos

os dias. Devo amar quando puder, resignando-me a conciliar, pondo-me de acordo com a inconstância. Minha mania de odiar me desmoralizou, a posse ilícita da paciência alheia trouxe-me terríveis culpas como malvado, tal qual me haviam avisado antes, embora não houvesse ouvido a ninguém. Segui praguejando a um santo surdo, que de cansado já me havia virado as costas há muito tempo. Noto a imperfeição que se instala na minha pele, no osso cansado. Tento a tarefa cotidiana de dar sentido à perda da memória, buscando devolver-me a identidade perdida. Desapropriar-me da própria existência seria pouco para quem como eu tinha a posse e a dedicação. Feito qualquer cidadão, possuo a ausência dessa precaução desnivelando o encontro com os tempos tardios, misturando diferentes intenções e consequências, acabo por não sustentar nem a mim. Invento falsas posturas, perco diariamente a compostura quando me desoriento, me perco despojado das propriedades do corpo e do domínio de um simples gesto.

Imponderadamente a falta de memória me defende, por isso não percebo o dano que me causa o torpor, a inércia, por isso não me ressinto de defeitos.

Nesse meu corpo, o tempo tenta deslizar serenamente,

ainda que com fantásticas proezas, aumentando e diminuindo a importância dos gestos a tal ponto, que aquele que me assiste andar me sabe privado do vigor, da audácia e do equilíbrio. Agito levemente a cadeira, deixando lugar para uma enorme fantasia. Enquanto meu olhar fita no vazio para confirmar ausências, descubro que olho para ver se confirma-se algum engano que me afirmaria alguma restituição, alguma saúde ou um pouco de tempo a mais.



ESSE MEU SILÊNCIO

Esse meu silêncio que se anuncia e me provê de dúvidas e adiamentos.

Ah! Como me acostumei a esperar, modificando o curso das minhas importâncias. Gosto de saber da quantidade das ânsias que inventaram em mim um poeta, apostando em dedicar a minha inspiração, ainda que me soubesse um inventor de sonhos e espumas, vindo juntar-me aos naufragos que investiram em ser

coleccionadores de mágoas.

Já não lerei minhas declarações porque antes de serem coincidências elas confessam intenções e confidências, e a importância da sinceridade se faz tão grande, que ela não se admite por si só, necessitando alimentar-se de achados que respondam às minhas esperas, que mudem o curso das coisas, que validem as invenções com que tento fazer com que acatem meus pedidos.

Diante da magnífica festa que é encontrar motivação para a vida, constituo versos que falem a verdade nua e crua, experimentando a reação e hospedagem dos outros para livrar os méritos da confusão, não os deixando repousar no lugar errado.

Tomarei providências. Anuncio algo em voz baixa, quase para calar ou dar razão ao medo e preencher ou definir o vazio, ou então, esperando que se faça o milagre da mútua aceitação e rompam-se as diferenças aviltantes que impedem o amor de se instalar em paz, e com direitos. Infinitamente reproduzido, esse amor sem remorsos absolveria e incentivaria a espera da presença. Basta a espera da chegada, daquilo que sei nunca chegará, e inclua-se uma visível transparência para que se possa enxergar a distancia e se produza uma contínua esperança nos encontros. Assim, gesto meus

sonhos e verto a emoção. As ausências levam minha poesia. Então, vazio de tudo, falo sozinho declarando amor em voz alta. Treino fugas que me deem uma saída. Admiro a serenidade do voo silencioso das borboletas a revelarem seu propósito sem alardes, aprendido do esforço das tentativas e das certezas de poder voar. Eterno aprendiz de novos hábitos, desafogo as ordens impróprias porque as margens se estreitam e as necessidades permanentes permanecem. Invento fugir de novas covardias porque pouco posso acrescentar ao desconcerto.

Já não sei mais do que eu falo, as últimas imagens que guardo de estar feliz me fazem procurador de mim mesmo, acompanhando as fórmulas que desvendam a atitude singela que faz baixar as marés sem cobrar indenizações pelos limites profundamente humanos que me impedem de presentear-me com o mundo e algo mais que ele possa me oferecer. Sigo impaciente chamando os amigos, os consolos, vozes que acalmem e convidem a que eu me acostume a ter saudades. Tenho me mostrado um amigo mau e impaciente, pouco humilde e voraz com sede de amar, mau ouvinte que se exaspera com o discurso não esperado, irresistível, intolerante na exigência de ser ouvido. Deixo de ser

solene para impor-me. Na vontade da minha fraqueza anuncio que eu quero saber,- se veem a cor dos meus olhos, o sentido da minha pele, a espessura do meu sangue. Quero a minha vontade reconhecida e o meu verso autenticado pela leitura anônima e amiga que valide a minha declaração. Porque eu sei viver desacostumado de ter paz e já não me chamo pelo que tenho de melhor. Insisto que a espera me faça absoluto e imprevisível já o que melhor de mim vive encoberto pelo enunciado, que em geral grita aquilo que de pior tenho.



NÃO CONHEÇO O TEOR DE MIM

Pelo teor de minhas perguntas nunca soube se eu fiz o que desejava. Seria um prazer dispor de muitas horas para a homenagem que sequer me pediram, depois de muitas ações calculadas. Minha memória se endureceu e me faltou à iniciativa para criar alguma coisa diferente frente à amada que de mim esperava o amor novidade

e sem repetições aborrecidas. Não sei se por milagre ou por vergonha, analfabeto para a exigência daquele momento, reinventei um poema antigo que falava do que eu gostaria, do que não posso, do que já fiz e do que nunca alcancei. Nostálgico, alarmado, recorro a verbetes que me abram espaços para dizer que ainda que pleno de razão, não tenho como afirmar que meu sangue circula como antes e que meu desejo se mantém intacto apesar do tempo e das cicatrizes. Parei de compor e deixei a música, já não me expressei por ela. Um desgarramento abre em mim uma recordação que fez lembrar da história de minhas impotências, das vezes que me fez pouco caso, das vezes que ironizaram minhas convicções, e me deixaram sem saber porque estava ali. Meus êxitos saudados por poucos que me queriam ficaram cada vez mais íntimos já que uma produção sincera desperta susto e surpresa, pois se acaba dizendo o que os demais querem calar.

A vida sempre me apeteceu como um pedaço de pão ou um figo que desprende uma gota do mel que o compõe e adoça. É como uma árvore do conhecimento que me remete ao espelho do tempo e à verdade que me construiu. Poucas vezes me equivoquei porque não podia fazê-lo, o banal e o humanamente descuidado

não me podiam pertencer, se me perguntassem onde vivia teria que dar meu correto endereço, meu telefone a todos contei. Jamais pude dizer que como nos romances estava construindo minha vida e minhas crenças, por isso meu coração se apertava e às vezes eu chorava. As emoções me saiam pelos poros espontaneamente, eram vivências sem controle, perdi os filtros sem me dar conta. É banal dizê-lo porém perdi o controle, me fiz transparente.

Sou capaz de despertar com a poesia na boca e durmo com todos os acordes dos adágios. Com a alegria de estar vivo e a tristeza do dia que se acaba.



ISSO É O QUE POSSO OFERECER

As destruídas sensações ocupam um lugar especial na sua melancolia, assinalam o momento em que as esperanças perderam os espaços. Os conteúdos que alcançam o desaparecimento do sentimento de uma nova verdade, quando se fez pele, transbordou o

olhar e se fez pranto, não antes de converter-se em uma solução imposta de esquecimento pela tristeza. Esta gigantesca tarefa de deixar de querer favorece a solidão como resolução e, a ausência tomaram o lugar do amante que partiu deixando saudades.

Provindo diretamente do vazio, envolvido pelo inominado terror de despirem-se de todos os sentires porque os havia doado a todos, só lhe restou pensar que o mundo se esqueceu dele, por isso os anjos voaram levando seus sonhos.

Depois do primeiro susto, acostumou-se a brincar buscando um lugar onde habitar naquela solidão lugar onde o consolo compete com o desconsolo e a crueldade com a dor que faz recordar que o amor é uma coisa que pode fazer doer.

TRISTES MEMÓRIAS

Desmemoriei-me propositadamente. Buscava borrar as más lembranças, fazendo do esquecimento uma virtude. Retirei o apoio à dor da injusta atualização do passado, que faço vir apenas para atormentar-me.

Encontro-me impotente para mudar a história, as injustiças já acontecidas. Repito-as cada vez que delas lembro. Assim dilato sua existência, e o que era para ser um fato passa a ser um auto tormento. Provoco a abertura da ferida, evitando a cicatrização. É uma má lição, ainda que eu queira tornar a má lembrança estéril, sem sabor, sem sentido. Tento promover a banalização da sua presença, tirando-lhe o poder de destruição. Só faço aumentar a dor.

Tentando insensibilizar-me, estilhaço-me, rompi meus sentidos. As lembranças vêm como gangrena para apodrecer, aos poucos, a pele, o músculo, o osso e a confiança. Não vos digo isso para me livrar dos tormentos.

Estorvado pela surpresa cruel e indiferente a minha dor fica indevidamente lançada nas piores memórias já que elas estorvam a paz fazendo-me frágil. Fazer estragos passou a ser uma predileção, intrometidamente meço

minha desistência minando minha tolerância.

Recupero o passado, as pessoas deixadas no meio do caminho e, repentinamente enfio no cérebro as lembranças que doem como se me enfiassem um bisturi sem anestesia, sentindo a dor até estremecer. O corpo, inadvertido, denuncia minha incompetência para defender-me. Abalado, junto os pedaços que testemunham minha desorientação.

Reconheço a derrota temporária.



BUSCO UM OLHAR QUE ME FAÇA

Busco encontrar um olhar que me diga que valho a pena, que me estruture e valide algum sentido ao meu viver. Que me mova, incluindo uma curiosidade de ver-me nele dando algum motivo à alegria que nele vejo. Quero ser o reflexo do que ele me irradia. O que estaria ele vendo em mim? Que coisa será essa que ainda não descobri. Que agudeza é essa que percorre alguns lugares meus ainda desconhecidos por mim.

Esse olhar que me apresenta a mim mesmo, que me inclui onde me excluo, que me dê sentido onde me acredito nulo, e assente uma estética e um valor onde penso que o vício e a exclusão me habitam.

Busco um olhar que adorne qualquer equilíbrio dissipando as dúvidas, me oferecendo como um colchão entre o sonho e a realidade. Que evite aqueles que me odeiam. Que esse olhar seja meu escudo e me indique onde ganhar as melhores medalhas. Que dê abrigo aos tantos medos que me faltam viver.

Quero olhos que não me ponham preço e que guardem dentro de mim alguma recordação que me orgulhe de mim mesmo sabendo enaltecer minha escolha. Quero ser olhado por um olhar que me guarde, que me abrigue, que não me deixe fingir o quanto amo viver, que não me deixe mentir e que me faça gritar o que não quero, que denuncie o que nunca quis. Quero um olhar que vejo no fundo dos meus sonhos a exposição dos meus desejos e que com seu profundo olhar tire do ar a superioridade e aceite a fragilidade consentida, que veja a inocência negada e mantenha os desejos pelo feminino das mulheres. Que veja que o amor e o corpo se misturam doando-se ao fazer dos encontros, quase combates, que misturam olhares, cheiros e vontades

de fusão.

Que o olhar alcance o coração inexpressivo ou inexperiente, gelado e compulsivo, não domesticado e incorrigível, obstinado por uma conduta que o contradiz e se nega à escuta e a consideração.

Quero um olhar que durma fazendo companhia e desperte proprietário da minha paz. Que grite para os que nunca me escutam. Que exalte os aromas e que olhem para ver e confundir o fogo com a paixão e o sexo com o amor. Quero um olhar que chore e que beba minhas lágrimas pensando ser a água que lhe matará a sede, e adquira a cor das flores da estação.

Que se permita ser tão doce como o mel para adoçar e enfeitiçar a escura vida que dorme por detrás da solidão.

Um olhar que console o penar que não atende e anula aquele que desiste. Quero um olhar que planta o amor no lugar onde ele faça jus ser plantado. E que se atire para trabalhar no coração dos que reconhecem o doce sabor do mel, a fortaleza da madeira, e o acolhimento da terra que dá frutos e ofereça guarida para a pessoa amada. Quero um olhar que deposite debaixo da pele meus segredos e ainda assim eles se guardem como poucos, porém valiosos e que façam da vida uma fonte de coberturas cálidas, privadas e cuidadas.

PREENCHENDO VAZIOS COM PALAVRAS

Preencho vazios com palavras, atos, sentimentos, com todas as coisas que posso fazer para que se aproximem os calores, várias primaveras, todos os sóis e algumas luas, cantos e formas de disfarce.

Muitas poesias estão para defender meu coração que lamenta por não preencher alguns pontos que não alcança entender. Meus ouvidos me aproximam sem eu estar preparado e ainda assim de alguma forma me faço íntimo, ainda que me faltem pedaços. Busco um não sei o quê, que não posso nomear e si me aproximo, costumo colocar um temor no lugar do prazer, fazendo o coração sentir, tremer, sem que eu saiba que se trata de uma proposta de amor. Não me faço companheiro, me escondo por não entender que a vida me pôs ali exatamente para que siga algum caminho buscando me encontrar.

Espero que me nasçam asas para que eu siga peregrino e possa inventar outras dimensões, uma quinta estação, a vigésima quinta hora, uma alma mais extensa, uma gigantesca tolerância que me faça aprender os truques que inventaram a alternância entre o dia e a noite, entre a lembrança e o esquecimento e o equilíbrio entre o

amor e o ódio.

Desvendando os sonhos alheios, busco cores que me deem alento para manter a chama acesa e encontrar palavras que gerem palavras com sentido ou até poesia ou mesmo um ensaio...

Não sou quase nada do que penso, por isso me busco no olhar que me reveste de novas somas e me dá força à ternura que me constrói eternamente.

Em meu sustento busco apoio. Se me deixam por ali, muito tempo sem notícias, no meu exílio voluntário com Raduan Nassar, Fiódor Dostoiévski e Astor Piazzolla acompanhando-me fiéis, tolero e voo com minha fantasia esperando a chegada do próximo trem na velha estação de Vila Olimpo que me leve até a minha infância. Faltam-me alguns, já morreram, mas minha lembrança preenche esses vazios e os enumero, em fila, caminhando sorridentes no meio de abraços com caras que denunciavam esperas infinitas e tardias.

Onde pôr o passado que voa em direção ao meu futuro, passando por cima do meu presente e cobrando-me algum lugar para descansar? Que mágica o reinventa para repousar na minha cama, na minha sala? O cheiro do pão da padaria da esquina me invade todos os dias pontualmente às quatro da tarde e qualquer odor a café

me deixam a dúvida se minha mãe não andará por perto me esperando para que lhe faça companhia. Se não fosse pela falta de um fogão a lenha, de um abrigo familiar e das comidas artesanais, poderia jurar que se congelou o tempo tal a nitidez com que cada cena se faz viva, quase delírio.



SINTO TANTAS FALTAS

Faz-me falta, tantas paredes quanto mereço, para fixar todas minhas lembranças, tantas fotos e tanto viver. Faltam-me tantos medos por viver.

Não me ponham preço pois guardo dentro do meu espanto alguma coisa que me faça recordar quem sou. Eu conheço aos miseráveis, eles têm a alma cansada e vencida. Às vezes as qualidades de meu caráter quase se escondem com vergonha de aparecer. Estendo-me para assegurar tuas mãos que alcancem sustentar-me assim como busco um olhar que guarde minhas miragens dando valor e calor a meus desertos e meus

silêncios tão necessitados de palavras que cumpram com o roteiro e o amor.

Entre optar pelo habitual sem ti e o milagre de tua presença, dou toda corda no meu sonho para que nunca termine e faça cada vez maior a minha fantasia. Acostumado a querer-te bem tenho exaltadas minhas saudades a ponto de delirar até esquecer-me de tua ausência já que o amor não cessa. Repousa em mim tua asa cansada, deixa-a o suficiente até que se acostume e não queira mais partir. Ensina-me teu voo para que eu aterrisse e descanse meu rancor, meu ódio, meus desencontros e assim possa em paz viver. Seja o filtro que permita meu desejo.

Deixarei de contar quantos sonhos nas minhas noites e quantas esperas em meus anos.

AINDA ME GUARDO PARA ALGUMA SURPRESA

Guardo dentro do meu espanto alguma coisa que me faça recordar quem sou. Ressuscito meus sonhos. Reinvento-me a cada decepção para diminuir os danos. Resumindo os fracassos, clamo por algum armistício que me deixe respirar um pouco o fôlego das virtudes perdidas. Lograrei algum dia voltar a crer naquilo que aprendi e que acreditei me faria feliz?

Guardo na velha memória os sonhos mantidos. Minhas lembranças são meu sustento e é por onde caminho minhas transparências.

Viver de desenganos constrói as tristezas e cronifica a desesperança, estimula as renúncias e faz chorar.

Ser feliz passa a ser uma utopia, um sonho de ser um pouco alegre, e é o único que me acalma. Dessas cosas difíceis, que a gente mente para si mesmo e de tanto mentir acaba acreditando.

A insensatez me impôs o amor, interpondo-se à razão que mantem a distancia. Embora, ainda que lúcida me convida a viver, mesmo com temores, desde que não deixe de viver. Sigo o mesmo cercado, blindado, protegido de fantasias onipotentes, imaginando-me imortal. Mentindo até o fim de cada dia para

sobreviver. Nas rotinas já me desencontrei o suficiente para alimentar-me a ponto de desistir, eram problemas repetidos dos entardeceres que entristecem sem controle o meu ânimo, sabendo-me perdedor de mais um dia do meu existir.

Muitas foram às vezes que jurei em falso, sabendo e aperfeiçoando a mentira. Tantas as máscaras que me desmemoriei, perdendo identidades todos os dias me desbotei, de tanto mudar perdi a tonalidade.

Guardo dentro de mim o espanto com alguma coisa que me faça recordar quem sou. Ainda me guardo alguma surpresa, lograrei ver uma mão estendida tentando-me fazer feliz. Serei convidado para um apego qualquer, que me diminua a dor e a agonia guardada no meu coração.

Guardo em mim um desejo de ser Mapuche, Inca, Azteca, Tupi ou Guarani para dessa vez gritar e defender minha cultura para que se refunda tantas vezes até cansar o invasor e retomando os valores, dando voz ao meu silêncio.

Passeia pela minha alma um desejo de renascer latino-americano, desses que com orgulho passeia por Pucón e seu vulcão, toma sorvete pela Gorlero em Punta del Este e caminha olhando o mar pelo Malecón de la

Habana, baila Tango na Plaza Dorrego e vai a praia em Copacabana, Búzios e passeia de barco em Angra dos Reis. Sonhando comer tâmaras em alguma montanha do Líbano, acordo como XIPE-TÓTEC (deus Azteca da primavera) e durmo como um menino saudoso escutando uma cantiga de ninar que ouvi de minha mãe.

Comerei com as mãos como meus ancestrais e darei voltas a um fogão a lenha que não aceita se apagar. Tudo isso guardo.



ESCREVO BANALIDADES

Escrevo banalidades, escondido nos mesmos cantos, buscando sem encontrar minha antiga fé, perdida por aí e eu em meio ao doído vazio, sem substitutos, desafio os tempos inventando premonições que me escondam a desilusão. Tenho um passaporte para ousar um pouco mais mantendo minha honra, mas falta-me a coragem. Ainda que se avolume uma profusa dor que me grifa

um prostrado gargalo invento crises de saudades e me paraliso em meio às dúvidas. Quero sair do molde que me aprisiona apropriado, renegado, profuso em desesperos, tentando elucidar um novo tempo que não me pertence, ainda que leve impresso na pele o amor como uma antiga e teimosa crença. Acreditei que o rio era mar e menor a profundidade, não alcancei me esconder entre as ondas que me jogaram na praia quase afogado de tanta mágoa, prostrado.

Tento parar de brigar contra essa falta de abrigo para deixar de detestar e merecer as ofertas que me chegam através das pontes que marcam encontros e permitem as tão esperadas trocas. Queixoso por falta de garantias, empenho-me para diminuir as frequências das melancolias solitariamente vividas.

Quero uma permanente para frequentar a vida com a certeza que ainda vou durar. Quero parar de fugir de mim mesmo, me reencontrar, dar-me às mãos, se acolhido por abraços amigos, que me façam declarações de amor, recuperar a confiança antiga perdida, desistida, feita pedaços. Restaurar o chafariz, repor os mosaicos, replantar as árvores da minha pracinha de esportes. Quero voltar a ser a fonte de algum jardim que exale a fragrância dos perfumes e evoque todos

os aromas, ter aqueles bondosos olhos que destilam mel e inventam que ainda se podem saborear os mais deliciosos frutos, damascos, pêsegos, uvas, o doce e invisível mel dos figos. Sonhar e acordar um dia como uma nascente, um lugar onde as mulheres escolhidas engravidam protegidas, e ali mesmo comecem a ser mães, e comecem a criar o acolhimento fazendo em sua hospedagem uma proposta de abrir os corações para verter o sangue branco que alimentará por doação ao filho amado.

Às vezes me convido a ressuscitar a esperança e restituir a estética do corpo, dono e nobre como ele só, quando grávido, reafirma as identidades e conta através de seu ato que a vida segue e poderá ser divertida e possível de ir-se vivendo sem maiores sobressaltos. Comportam-se em cio como um estatuto requerendo uma consideração muito mais séria que a improvisação que de forma amadora participa da construção de sua condição de humano.

Sei-me senhor de alguma soberba, me apresento de forma simples para não ser rechaçado de entrada, tal como um feitor de obras. Guardarei minhas tristezas para quando venham os desenganos. Essa espontaneidade programada evita comportamentos

dispersos ao mesmo tempo em que me convida, “a saber”, que é chegada a hora de perceber a diversidade de papéis que a estética me impõe para parecer um ser social.

Eu quero ser o teimoso que enfrenta e desafia, e povoa o mundo de honestas satisfações. Aquele que adorne a virtude e avolume a crença que se apropriará dos futuros. Inventor de pequenas sobrevivências, amante das culturas, evitando as banalizações, enaltecendo os que me apoiem o uso da liberdade para aprender com prazer, fazendo disto uma meta. Viver cara-a-cara, declarar os perigos, tentar o apropriado para explorar, expressar e trocar.

Lutando para ser incluído e admitido sem grandes triunfos, tento guardar os meus valores silenciosamente para que as virtudes não percam a cor e o sabor e o respeito pelas diferenças não se padronize por decreto e imposição.

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO E DE EPÍLOGO

A título de introdução, os olhos que identificam e marcam alguma presença que merece memória, despertam nos ouvidos e na pele uma curiosidade extensiva no sentido da busca de aprofundamento. Toda percepção reúne para si a tensão para a pesquisa, e o como te chamas, o que mais gostas, por onde queres ir, aonde queres ir, com quem mais, onde fostes que só agora te encontrei, não sigas sem dar-me alguma forma de te reencontrar, são algumas das declarações espontâneas que podem ser apresentadas. Outros, em silêncio se chegando como quem não quer nada e tentando sem palavras mostrar que dali não arredam o pé.

A título de continuidade, as conquistas devem ser mantidas. A impertinência dos sonhos que não se calam e buscam entre os tempos atuais um roteiro que os incluam como pessoas felizes nos mundos imaginados e vividos. Buscadores de caminhos garimpam em todos os chãos um lugar que os abrigue nem que seja inventando que ali é o paraíso. A nostalgia que redesenha a realidade mudando rumos e dizendo que o sul poderá ser o norte, sobretudo para os que aceitam

que se lhes ponha de cabeça pra baixo e lhes ponha a vida ao revés nos atropelos e na ânsia de encontrar um endereço onde ficar.

Os que estão sempre presentes, tentando, se unem para não desanimar, e se cuidam para manter o principio de que a esperança é a ultima a deixar o barco da vida em caso de naufrágio. A perseverança e a insistência não são suficientes para avisar aos frequentadores do mundo ao redor que vivem tentando encontrar. No fundo o encontro é a tentativa de todos; todo o tempo e em qualquer lugar para persistir e acreditar na construção de um projeto de vida. Ter um projeto de vida pessoal e sua construção permanente é como quando se anda pelo mundo em que se vive e surge alguém com quem comparti-lo, este se transforma no mais lindo porque adquire a magia de quem deseja o melhor nessa construção. A vida é muito generosa, nos dá surpresas, nos oferece ferramentas, nos dá obséquios e nos põe frente a muitos desfiladeiros dando-nos a possibilidade de eleger.

A gratidão que se tem com a vida acontece quando se é feliz com o que se faz e com as pessoas que nos rodeiam. É se feliz com o construído e totalmente seduzido com as construções quotidianas. Os problemas às

vezes intimidam um pouco, porém em certo prazo não amedrontam e se transformam em conflitos a vencer com astúcia, inteligência e com a firme crença que são para crescer. Nunca se assusta de nada, na verdade, se bem que às vezes se leva alguns sustos, porém nada que paralise, pelo contrario, parece que ativam algo desde dentro que faz com que se vá sempre adiante, firme e tenaz. E então se percebe que à vida se deve tudo.

Dentre todas as que se agradece é a presença, a existência, os carinhos, as aproximações. Surgem pessoas especiais. Aparece em um momento chave da vida e tudo o que se cresce se atribui a isso, é justo se o diga, que se agradeça à vida por tão maravilhoso tesouro. Então se é feliz com o que se faz com o que se projeta, com o que se vive, com o que se aprende das pessoas, como estar entre os jovens, por ter o que se tem pouco ou muito porque nos dá uma alegria infinita, se incorpora ao que se é, se incorpora ao sentir, se incorpora à felicidade.

O único que se tem pode ser o muito que o outro deseja, se lhe oferece em um simples ritual de agradecimento a distancia pela beleza, por ser como é, se o agradece pelo que deixa a partir do que significa. E se oferece

como um ritual de cuidados como agradecimento pelo que é capaz de sentir e conhecer. Se oferecem os tesouros como uma mostra de gratidão por permitir querer, dar carinhos, ser livre e pelo grande favor da amizade. Porém o quê se quer dizer que não se disse já? Quê se quer? Quê se ama? Quê dá prazer à presença. Quisera-se ser bruxo e voar, transformar-se em um lençol, em um travesseiro, em uma respiração para poder percorrer ao outro por dentro? Quiçá fora melhor transformar-se em pelúcia e mover-se pelo chão em que se dão os passos pela vida.

Ou se é o sol que acompanha e a lua que cuida o dormir. Estrela com sorriso, brisa que brinca com os cabelos. Quê poderia inventar para acompanhar ao outro pela vida? Lembrança? Verdade? Ilusão? Fantasia? Leve suspiro de vida? Poesia que faça sonhar? Sonho que faça viver? Vida que preencha? Ternura completa? Incompletude para preencher? Entrada para permanecer? Permanência para alegrar? Alegria de existir? Quê seria melhor? Um sonho real ou uma realidade de devaneios? Realidade palpável ou fantasia a palpar?

A título de epílogo, espero que me alcance a inspiração a iluminar uma estrela tão especial como o amor

fraterno. Porque a disputa e a altivez do ódio competem com a humilde posta que é uma reafirmação de quanto se desperta na adoração e a homenagem que o amor incentiva. Postas nos devidos lugares da adoração as deusas se mantem enquanto amam e dizem que amam e cuidam de voltar o cuidado doado. Não cabem tantas gentilezas e reverencias quando se curvam os doadores ante seus ídolos tão admirados. E porque se cuidam e se cuidam e se encantam, se doam infinitamente e se prometem fidelidades de propósito e de intenção.

Os humanos vivem extremos, ou sentem frio e solidão por isolamento ou sentem medo das aproximações, então devemos ter certo destemor e quando conhecemos gente nova e interessante devemos aproveitar a oportunidade e desfrutar da novidade. Assim se assume e coleciona gente muito interessante ao redor. É interessante e incomum, mas certas formas de apresentação são singulares, sem propósitos e sem dimensão da importância da humildade. Se não se houvessem visto tão de perto e fossem tão sensíveis aos estímulos se pensaria que poderia tratar-se de um personagem.

Espera-se que levem a serio o que sentem e que tenham bom humor para seguir adiante com tudo.

EU LHES ESCREVO

Eu lhes escrevo a essa gente que sonha e que registra o que seu interior lhes ordena, a essa gente que não busca dar sentido lógico à razão e que tolera o surrealismo dentro de si. Se eu entendesse de economia tentaria dar sentido às suas ganâncias, pois como sonhadores, sustentam o sentido de seguir sonhando, dispensando comentários e entendimentos. Porque encobertos seus desesperos pouco lhes importa se em seus sonhos sonham com um ou com outro, com vivos ou com mortos, com entidades ou personagens, com cidades ou países, pouco importa porque os temas lúcidos não têm lugar e o envoltório se confunde com o conteúdo, a oferta com a demanda e as honras do hospedeiro com o hóspede. Como sombras, as imagens fingem pertencer-lhes ainda que os corpos inertes aceitem a ilusão fantasticamente real, florescendo a noite e fazendo da cama caminho e das ideias roteiro. Toda preguiça espiritual desperta ali para dizer tudo o que eles calam com ou sem tendências para o ofício. São confissões sinceras ainda que disfarçadas, tanto negam como afirmam, insequentes e comprometidos com essas coisas da

ética e do coração. Os gritos são conhecidos, porém não se reconhece àquele que os faz se entende da dor não mais suportada. Semelhante falta de coragem não combina com a disciplina incorporada, calada, que faz tremer ao coração, gritar a todo pulmão. Naquele lugar essa gente se debruça sobre si mesma, fechando-se de braços em balcões imaginários se veem passar a si mesmos. Esses critérios tomados para manter as ilusões, carregam com seus desejos pela vida afora, submetidos a um engano consentido de acreditar como uma ilusão àquilo que sabem ser uma realidade, a mais verdadeira ainda que não pareça ser.

Eu lhes escrevo aos que amam e que tendo as decepções que tiveram não se fizeram adversários da vida, nem tampouco espectadores do viver, ainda se atiram a amar muito, com reverberações, com sentimentos reais e profundamente contundentes, introduzem a poesia e o canto como formas de chegar e de sair.

Eu lhes escrevo aos que promovem uma grande ajuda ao acaso fazendo-se familiares com as delicadezas e abundantes nas escravidões consentidas. Fazendo da homenagem uma honraria para a originalidade do que acertadamente leem os olhos, e que convidam a

essa investigação pessoal que só os amantes sabem decifrar.

Longe dos que se lamentam, cansados do pessimismo, das queixas, escrevo aos sonhadores que vertem nessa forma naturalmente infinita de sonhar seus desejos mais ocultos e profundos, coisas que não costumam dizer aos outros. Mais que uma resignação é um confronto que diariamente os convence da necessidade de seguir mantendo-se o equilíbrio entre esse universo em que vivem e aquele que gostariam de viver. Os medos por eles sentidos pouco importam quando a vaidade dorme junto com o orgulho e dá descanso ao guerreiro que se aceita criança, ajustando fortalezas e fragilidades, fazendo o balanço de quanto amor resta e quantas propiciatórias esperanças eles guardam para um melhor futuro.

Escrevo aos que acabam cultivando a dignidade dos sonhos, só se superando pelas confissões que ajudam a esculpir as almas quando sofrem.

Eu lhes escrevo aos que trocaram a crença da imortalidade da alma por um grande amor terrenal, bem desfrutado, bem gozado, bem-amado. Aos incrédulos que guardam vontades ocultas que passaram a crer, de tão cansados, de desacreditar, compadecidos,

abandonaram seus tédios para encontrarem em si mesmos à vontade de se reinventarem mais naturais. Eu lhes escrevo àqueles que me levam a sério e os que me pensam utópico, aos que me pensam coerente, insano, real ou ficcional. Àqueles a quem incitei o ódio e convenci com amor, aos que de mim se lembrarão e os que me esquecerão.

Eu lhes escrevo aos que com esperança adiam a insatisfação e humildemente esperam do mundo alguma solução para não se obrigarem a cronicamente desistir.

É com esse espírito de ser lido que escrevo, esperando que me encontrem que eu lhes chegue forte e disposto às mudanças, a todos quero que saibam que provocaram em mim essa vontade de lhes escrever. Ofereço a minha escrita que é minha hospitalidade, para ser incluído ao invés de substituído, para alcançar logros duradouros, porque necessito ser lido e ser simpático. Escrevo para me aproximar e honrar os antecessores em sono eterno. Minha alma veste a roupa de domingo para não deixar dúvidas que minhas palavras frequentam os olhos daqueles que me leem fazendo festa, proeza e malabarismo, inventando construções corajosas e desafiadoras,

ficcionando uma realidade que atija e convida a imaginação a brincar com as vantagens da pureza sem pecado e da provocação sem luta. Mais que uma página escrita, é um convite ao desassossego coletivo que me coloca no lugar e na altura dos humanos que se insinuam originais e frescos para a vida se opondo aos rebanhos padronizados que se esqueceram de viver.

Por isso eu lhes escrevo aos leitores que sutis como as conquistas e íntimos como os segredos contraem o vírus da vida e sonham com amores perpetuamente possíveis. Ao sentir as vontades vivas cada um se inteirará incluindo o esquecimento e a memória nesse convite que aventura e faz da vida um móvel dirigível e possível.

Eu lhes escrevo aos desistentes trazendo suas angustias ao lugar de vigência e validade, para que sejam motores do desassossego e uma provocação a enfrentar a vida dura e espessa. Aos que pensam na morte para resolver as questões da vida. Empréstos-lhes a mão e a escrita para que contem suas decepções e o porque dos sonhos adiados e desistidos. Escrevo para os ex-combatentes que renunciaram a vida porque acabaram com seus sonhos e cometeram todos

os dias aquele suicido lento que veda os corações.

Eu lhes escrevo aos que dormem fora de hora, aos que sentem fome, aos abstinentes, aos excluídos de tudo, aos excluídos seletivos, aos exilados, aos solitários sozinhos, aos solitários acompanhados, aos presos, aos analfabetos, aos iletrados, aos inconscientes, aos comatosos, aos cegos, aos surdos, aos ignorantes, aos que acordam para cumprir suas insônias, aos devedores, aos que creem e aos ímpios. Faço deste meu escrever uma cômoda divulgação de uma tímida audácia que cabe neste espaço onde viajo imóvel ocupando um pequeno lugar entre uma cadeira, um livro e alguma inspiração tardia.

Escrevo aos que amam como se fossem as compras e vivendo de excessos por mau uso das abundâncias permanecem aderidos ao consumismo, usando a tudo e a todos como objetos e a si mesmos como tal. Eu lhes escrevo para encorajar afetos, estimular alimentos e alentos. Descobrir os poetas, inventar os cantores, improvisar os ouvintes ou àqueles que como poucos sabem aplaudir.

Eu lhes escrevo aos próximos porque não terei notícias dos estranhos, e mesmo levando até eles minhas esperanças dependerei de interlocutores que

lhes avisem da minha existência.

Escrevo esse texto, dele faço uma notícia, um alarde, um anúncio para avisar de que o amor ainda não morreu e que ele anda buscando portadores e hospedeiros, que ele, o amor, não desiste de promover vontades e provocar formas inovadoras de encontros entre os humanos. Que ele é universal e delicado, sutil e prazeroso, dá medo e apazigua, dá risos e prantos, entretanto ele não sobrevive ao inóspito, a mesmice, a grosseria, a ofensa, a burla, a morte do humor, a vulgaridade, a soberba, o imediatismo, a urgência, o ódio e a indiferença.

Eu lhes escrevo para exaltar e dar sentido ao que vivo intensamente, exaltando o brilho natural da natureza, proclamando a inocência e desculpando-me por usos indevidos.

Eu lhes escrevo aos que sucumbem nas maiores desgraças devolvendo-lhes o poder e a única forma de consciência ao alcance dos humanos para evitarem a própria destruição e degradação desobrigando-os da proteção e do ritual de imolação que expia culpas e realiza desejos disfarçados em penitências.

Essas páginas que abrigam minha convicção buscam colorir as pálidas lembranças. Essa minha conduta

haverá de ser a melhor prova da minha vontade de coroar compartilhando esse espetáculo da vida. Por minha consciência, fazendo-me menos ficção, implicado em afirmar, desafiar, ensaiar, restaurar, vendo-me desde dentro, como um homem comum e natural, com um desejo imenso de desmentir as fecundas desesperanças, eu lhes escrevo.

Roberto Curi Hallal

